

O (re)conhecimento da estrutura passiva por alunos do Ensino Superior

ANTÓNIA ESTRELA

Escola Superior de Educação de Lisboa

antoniaestrela@eselx.ipl.pt

Resumo

Tendo em conta as recentes propostas de tipologia das construções passivas como eventivas (*ser*), resultativas (*ficar*) e estativas (*estar*) (Embick 2004; Duarte e Oliveira 2010; Duarte 2013), o objetivo deste estudo é avaliar, através de um estudo experimental, se os alunos do Ensino Superior conseguem distinguir os três tipos de passiva e as suas diferentes especificidades e se são sensíveis às propriedades dos verbos passivizáveis (transitivos diretos).

O estudo experimental desenvolvido visa testar a compreensão dos três tipos de estruturas passivas, através de uma tarefa de juízo de gramaticalidade. No estudo, participaram 47 alunos do 1º ano de licenciatura, tendo sido testados 60 pares de frases (com 20 verbos distintos), que contrastavam passivas eventivas e estativas, eventivas e resultativas, e resultativas e estativas, e ainda 5 pares de frases *fillers* (distratores).

Os resultados apurados mostram não haver dificuldades no reconhecimento das estruturas em análise. No estudo experimental, foram introduzidos alguns itens de teste que funcionaram como *fillers*, mas que serviram para testar a capacidade para distinguir os verbos que podem surgir em orações passivas eventivas em português europeu dos que não podem ocupar esse lugar.

Os resultados mostram que os alunos tiveram alguma dificuldade em reconhecer as características dos verbos passivizáveis, o que corrobora os resultados apurados por

Estrela (2012), que dão conta da produção de passivas com verbos que não são transitivos em textos de alunos do Ensino Superior. A análise de resultados individuais permite vislumbrar também essa dificuldade.

Palavras-chave: Estrutura passiva; transitividade.

Abstract:

Given the recently proposed typology of passive constructions as eventives (*ser*), resultative (*ficar*) and stative (*estar*) (Embick 2004, Duarte and Oliveira 2010; Duarte 2013), the aim of this study is to evaluate, through an experimental study, if students of Higher Education can distinguish these three types of passive and their different specificities and if they are sensitive to the properties of verbs that can occur in the passive construction.

The experimental study was designed as a grammaticality judgment task. The study involved 47 students in the 1st year of degree. Sixty pairs of sentences (with 20 verbs), which contrasted eventive and stative passives, eventive and resultative, and resultative and stative, plus 5 pairs of sentences *fillers*.

The results show that there is no difficulty in recognizing the structures under consideration. In the experimental study, we have introduced some test items that functioned as *fillers*, but which served to test the ability to distinguish verbs that can occur in passive sentences in European Portuguese and those that cannot.

The results show that the students had some difficulty in recognizing the characteristics of verbs that can occur in this construction, which corroborates the results obtained by Estrela (2012), that account for the production of passive with transitive verbs by students in Higher Education.

Keywords: Passive structure; transitivity

Introdução

Com este trabalho pretende-se abordar uma proposta recente de tipificação de passivas, segundo uma perspectiva tripartida: passivas eventivas, passivas resultativas e passivas estativas. Tal proposta, defendida em Duarte (2013), parece dar conta, de um modo muito refinado, das especificidades que distinguem cada um dos tipos de passivas. Com base nos contrastes propostos pela autora, avaliámos, através de um estudo experimental, a sensibilidade de alunos do Ensino Superior face aos três tipos de passiva e às suas diferentes propriedades.

Este trabalho organiza-se do seguinte modo: numa primeira parte apresentamos a tipologia tripartida das passivas, proposta por Duarte (2013) para o português; de seguida, descrevemos o estudo experimental levado a cabo, apresentando a metodologia, os participantes e os resultados apurados; e, por último, apresentamos algumas notas finais.

A adequação da tipologia tripartida para o português

Duarte e Oliveira (2010) e Duarte (2013) argumentam a favor da adequação da proposta de Embick (2004) para o português e apontam argumentos nesse sentido. Os exemplos de 1) a 3) constituem uma passiva eventiva, uma passiva resultativa e uma passiva estativa, respetivamente, detendo participios eventivos, resultativos e estativos⁷⁰:

- 1) O exemplo foi corrigido por um falante nativo.
- 2) O exemplo ficou corrigido (depois de ter sido revisto).
- 3) O exemplo está correcto.

Quer os participios eventivos, quer os resultativos exibem uma componente eventiva que falta aos participios estativos. A componente agentiva, por sua vez, é apenas característica dos participios eventivos. Estes são os únicos que podem ocorrer, em português, com agente da passiva, com advérbios orientados para o agente, com

⁷⁰ Os exemplos de 1) a 5) são de Duarte e Oliveira (2010, p.401).

sintagmas preposicionais instrumentais. Para além disso, podem controlar o sujeito nulo de orações finais. Os exemplos em 4) e 5) dão conta desse contraste:

- 4) a. O exemplo foi corrigido por um falante nativo.
b. O exemplo foi corrigido propositadamente (pelo autor).
c. O exemplo foi corrigido com tinta azul.
d. O exemplo foi corrigido por [um falante nativo]i para [-]i mostrar a pronúncia correcta.
- 5) a. *O exemplo ficou corrigido por um falante nativo.
b. *O exemplo ficou corrigido propositadamente (pelo autor).
c. ?O exemplo ficou corrigido com tinta azul.
d. *O exemplo ficou corrigido para mostrar a pronúncia correcta.

Como vimos, a ausência de uma componente eventiva nos participios estativos marca a diferença em relação aos eventivos e aos resultativos.

Se tradicionalmente não se fazia a diferenciação dentro das passivas adjetivais, com a distinção entre os participios resultativos e estativos, essa separação torna-se mais clara, podendo ser perspectivada não apenas a partir do auxiliar com que se constrói (*ser/estar/ficar*), mas também com os tipos aspectuais de predicções (Duarte e Oliveira, 2010:402).

2.1. Passivas eventivas

Nas construções passivas eventivas, a natureza aspectual do participio é irrelevante, como se pode verificar em 6), em que ocorrem participios eventivos pertencentes a diferentes classes aspectuais básicas:

- 6) a. Bagdad foi destruída pelos bombardeamentos americanos. (processo culminado)

- b. A janela foi aberta para arejar o quarto. (culminação)
- c. O carro foi conduzido por um piloto experiente. (processo)
- d. A sobremesa foi apreciada por todos. (estado)

Geralmente, as orações passivas eventivas descrevem situações dinâmicas, em que uma das entidades envolvidas sofre alguma mudança (de estado, lugar ou posse). Isto explica a existência de fortes restrições relativamente à ocorrência nestas orações de verbos transitivos estativos. Um exemplo, entre outros, é a impossibilidade de verbos estativos de posse admitirem passivas eventivas, como se vê em 7).

- 7) *As riquezas são tidas pelos reis.

2.2. Passivas resultativas

As passivas resultativas constroem-se tipicamente com *ficar*. Este verbo marca o fim de um evento e o início de um estado resultativo, como se vê nos exemplos seguintes:

- 8) a. O poste ficou caído.
- b. As pontes ficaram destruídas.

Aspetualmente, as passivas resultativas surgem principalmente com predicções básicas de tipo télico: culminações e processos culminados, como se ilustra em 9) e 10):

- 9) a. O espelho ficou partido.
- b. O espelho já está partido.
- 10) a. A cidade ficou destruída.
- b. A cidade já está destruída.

Este tipo de passivas é incompatível com estados e raramente ocorre com processos, necessitando neste caso de contextos especiais (Embick, 2004):

- 11) a. *A Rita ficou amada. (estado)

b. *A Rita já está amada.

12) a. *O carro ficou empurrado. (processo)

b. */?O carro já está empurrado.

Outra característica que diferencia as passivas eventivas das passivas resultativas é o facto de estas últimas não admitirem, em princípio, a realização lexical do argumento externo do verbo através de um complemento agente da passiva, como mostra o exemplo 13):

13) *O espelho ficou partido pela rapariga.

A impossibilidade de ocorrência do agente da passiva deve-se, nestas construções, ao facto de o argumento externo não estar implícito, ao invés do que acontece nas passivas eventivas. Assim, de acordo com Duarte & Oliveira (2010), as passivas resultativas não admitem advérbios orientados para o agente, não coocorrem com orações subordinadas finais (cf. 14) e não admitem sintagmas preposicionais de valor instrumental (cf. 15):

14) *O espelho ficou partido para não se gastar mais dinheiro.

15) *O espelho ficou partido com um martelo.

As passivas resultativas assinalam não só o estado resultante como ainda a fronteira da passagem a esse estado, pelo que admitem a expressão *em x tempo*, que mede o tempo que o processo demora até atingir o estado resultante:

16) O espelho fica partido em 5 minutos.

Já quando a expressão *em x tempo* co-ocorre em passivas com *estar*, a interpretação primeira da expressão *em x tempo* é *daqui a x tempo*, como se observa em 17):

17) *O espelho está partido em 5 minutos.

A passiva estativa contempla então o estado resultante, mas não a fronteira de passagem a esse estado.

2.3. Passiva estativa

As passivas estativas descrevem situações estativas mas não encerram a componente da fronteira da passagem ao estado, como se pode assinalar nos exemplos 18) e 19):

18) O autor é reconhecido mundialmente.

19) A professora está desorientada.

O que se nota é que a construção com *ficar* e a construção com *estar* partilham o facto de exprimirem um estado, mas distinguem-se por a primeira implicar dinamismo e uma alteração do estado de coisas.

No quadro seguinte, apresentamos um resumo dos contextos que poderão ser usados para aferir se determinada construção exhibe uma estrutura passiva eventiva, resultativa ou estativa.

	Passiva Eventiva	Passiva Resultativa	Passiva Estativa
Sintagmas preposicionais de valor instrumental	✓	*	*
Orações subordinadas finais	✓	*	*
Complemento agente da passiva	✓	*	*
Advérbios orientados para o agente	✓	*	*
Expressão <i>em x tempo</i>	✓	✓	*

Quadro 2- O comportamento de participios eventivos, resultativos e estativos.

Estudo experimental

Tendo em conta a pertinência da tipologia tripartida de passivas, foi desenvolvido um estudo com o objetivo de testar a sensibilidade de alunos do Ensino Superior perante esta construção. Assim, consideramos duas hipóteses. A primeira diz respeito à sensibilidade face às diferenças entre as passivas eventivas, resultativas e estativas, distinguindo-se a conjugação de diferentes auxiliares (ser, ficar, estar) com diferentes

constituintes; a segunda refere-se à sensibilidade face aos verbos que são passivizáveis e aos que não o são.

A metodologia utilizada consiste numa tarefa de juízo de gramaticalidade. No estudo, participaram 47 alunos do 1º ano de licenciatura, com idades compreendidas entre os 18 e os 37 anos, tendo sido testados 60 pares de frases (com 20 verbos distintos), que contrastavam passivas eventivas e estativas, eventivas e resultativas, e resultativas e estativas, e ainda 5 pares de frases *fillers*.

Assim, foram testadas frases como as que a seguir se apresentam:

Passiva eventiva/ Passiva estativa

20) O castelo foi construído com uma pá.

21) *O castelo está construído com uma pá.

Passiva eventiva/ Passiva resultativa

22) O desenho foi colorido para mostrar à professora.

23) *O desenho ficou colorido para mostrar à professora.

Passiva resultativa/ Passiva estativa

24) O quadro ficou pintado em cinco minutos.

25) *O quadro está pintado em cinco minutos.

Os resultados foram os que se mostram na tabela 1:

	Eventiva vs estativa	Eventiva vs resultativa	Resultativa vs estativa
47 adultos	91,45%	89,5%	92,6%

Tabela 1. Percentagem de acerto dos adultos face aos três contextos.

Como vemos, os resultados situam-se nos 90% de acerto, nos três contextos, o que revela que os alunos mostraram sensibilidade face às diferenças entre passivas eventivas e resultativas, eventivas e estativas e resultativas e estativas, tendo-se distinguido a conjugação de diferentes auxiliares (*ser, ficar, estar*) com diferentes

constituintes, como sintagmas preposicionais de valor instrumental, orações subordinadas finais e a expressão *em x tempo*.

No que diz respeito aos *fillers* (ou distratores) usados, foram testadas algumas frases que visavam verificar a capacidade para distinguir os verbos que podem surgir em orações passivas eventivas em português europeu dos que não podem ocupar esse lugar. Os exemplos em 26), 28) e 30) exibem um verbo transitivo e um intransitivo, pelo que a escolha da frase considerada gramatical deverá recair sobre a construção com o verbo transitivo. Por sua vez, os exemplos em 27) e 29) exibem apenas verbos transitivos. Nestes dois pares de frases, serão as características do sujeito [+/- HUM] que condicionarão a respetiva aceitabilidade. Os alunos, perante as duas frases, têm de decidir qual a aceitável. Assim, foram testados os seguintes pares de frases, estando a frase agramatical marcada com asterisco:

- 26) a. *O João foi chegado.
b. O João foi ultrapassado.
- 27) a. *O menino foi explicado.
b. O menino foi ouvido.
- 28) a. *A Maria foi agradecida.
b. A Maria foi transportada.
- 29) a. *A cantora foi dificultada.
b. A cantora foi aplaudida.
- 30) a. * O professor foi apelado.
b. O professor foi encontrado.

Os resultados relativos aos juízos de gramaticalidade dos *fillers* dos alunos do 1º ano foram os seguintes:

	Percentagem de respostas corretas
Chegar vs ultrapassar	98%
Explicar vs ouvir	98%
Agradecer vs transportar	89%
Dificultar vs aplaudir	64%
Apelar vs encontrar	91%

Tabela 2. Resultados dos alunos face aos *fillers*.

Não se verificam dificuldades na identificação de frases com verbos transitivos como aqueles que podem ocorrer na passiva. Em relação ao par de frases em que os alunos tiveram pior desempenho (*dificultar vs aplaudir*), as dificuldades encontradas parecem poder justificar-se com as propriedades sintático-semânticas dos verbos. Os alunos terão aceitado frases como a de 29a) porque não identificam o traço [+/- HUM] do sujeito como relevante. Se, por um lado, podemos ter frases como *O trabalho foi dificultado*, não são aceitáveis, por outro, frases como *A cantora foi dificultada*. Assim, os alunos parecem não reconhecer os traços semânticos associados ao sujeito que pode ocorrer neste contexto.

Conclusão

A tipologia tripartida de passivas proposta por Duarte (2013) para o português revela-se adequada e pertinente, se tivermos em conta, também, a sensibilidade que os alunos revelaram face à conjugação de diferentes auxiliares e contextos específicos que permitem o uso de tais estruturas passivas.

O verbo auxiliar assume um papel importante na distinção dos três tipos de passivas, bem como a possibilidade de ocorrência destas três estruturas em contextos que possibilitam a sua identificação/ diferenciação, como sintagmas preposicionais com valor instrumental, orações subordinadas finais e a expressão *em x tempo*.

Por um lado, os alunos não mostraram dificuldades no reconhecimento da distinção entre passivas eventivas e resultativas; passivas eventivas e estativas e passivas resultativas e estativas. Por outro, revelaram dificuldades no reconhecimento de um verbo transitivo (*dificultar*) que apenas é passivizável se ocorrer, na passiva, com um sujeito que apresenta determinados traços semânticos. Tais dificuldades permitem-nos apontar para a necessidade de um trabalho minucioso sobre as características dos verbos que podem ocorrer na estrutura passiva, em contexto de sala de aula.

Referências

Duarte, I. (2013). Construções ativas, passivas, incoativas e medias. In E. B. P. Raposo, M. F. B. Nascimento, M. A. C. Mota, L. Segura & A. Mendes (orgs.) *Gramática do Português*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Duarte, I. & Oliveira, F. (2010). Participípios resultativos. *Textos Seleccionados, XXV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Porto: APL, pp. 397-408.

Embick D. (2004). On the Structure of Resultative Participles in English. In *Linguistic Inquiry*, 35:3.

Estrela, A. (2013). A Aquisição da Estrutura Passiva em Português Europeu. Tese de Doutoramento, FCSH/UNL.

Estrela, A. (2012). A passiva: uma estrutura de aquisição tardia”. In *Atas do XXVII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: Associação Portuguesa de Linguística.